

PERDER E PERMANECER

por Mario Gioia

“Uma foto é um vestígio. Mas um vestígio de quê?”¹. A portuguesa Susana de Sousa Dias responde essa pergunta com um filme-instalação dos mais inquietantes, *48*, apresentado no Matadero Madri, em 2011. A partir de fichários da antiga DGS – a polícia política que serviu à ditadura salazarista, regime vigente no país de 1926 a 1974, que explicam os 48 anos do título do trabalho –, as fotografias dos presos se fundem à narração dos personagens obtidos em tempos mais atuais, a relembrar experiências dos anos de chumbo. Em grandes dimensões, a história se reconstitui para nós apenas com a utilização de tais registros. “Qual é o equilíbrio entre as palavras e o silêncio sem que a imagem fique dominada pelo texto? Como criar um espaço que seja mais conceitual que físico?”, questiona a cineasta.

O artista paulista Ivan Grilo pode responder de certa maneira a tais dúvidas em *Nem Todo Fato É Narrável*, individual que faz parte do projeto Zip’Up, na Zipper Galeria. Também vem de arquivos lisboetas o eixo principal da exposição, a partir de residência que ele fez na capital portuguesa, no ano passado. Grilo dá interessante desenvolvimento no corpo da sua produção, pois agora não tem como fonte apenas documentos familiares, mas materiais disponíveis em coleções públicas (no caso, além-mar) e também peças adquiridas em feiras que colocam à venda registros de autores ‘amadores’. O foco agora se estende a paisagens e construções, não só a retratos, como se nota nas séries *Belida* e *Entre Névoa*, por exemplo. “Percebo que minha pesquisa atual está muito focada na criação de velaturas, sempre subvertendo a real função de materiais que costumeiramente se propõem a proteger/emoldurar/finalizar as fotografias”, explica o artista, que vive na pequena Itatiba, cidade cheia de neblina próxima a SP – de onde podem ter vindo os registros menores de estrada que compõem *Entre Névoa*. É interessante Grilo sublinhar um procedimento que é muito citado na história da pintura, mas que também faz parte do ideário da fotografia pictorialista – isto é, ajuda a embaralhar suportes e abordagens.

E velar pode tanto se referir à vigília (de um ente querido enfermo ou de alguém na hora final, citemos) ou da característica essencial de uma tocha a conservar-se acesa no breu noturno (usando uma imagem conhecida). Assim, entre a função de salvaguarda de uma composição plástica e a metáfora de prolongar a vida de algo efêmero e precário, movimenta-se a poética do paulista.

O silêncio de uma experiência que não pode ser narrada perpassa todas as séries presentes na mostra. As ações de ácido sobre o vidro, o papel vegetal que lida com o exibir/ocultar de imagens que anteriormente estavam descartadas na vala comum residual das microhistórias, as placas de acrílico que embaralham o olhar do observador, todas as estratégias visuais de Grilo podem se relacionar às narrativas pungentes (mas não melodramáticas) de Levi e Sebald, por exemplo, além de porção fulcral do pensamento de Benjamin.

Parece que o artista quer tornar palpável e muito físico todos os impedimentos e barreiras que marcam o cotidiano contemporâneo, mas, ao mesmo tempo, os resultados concretos não são estanques, seus sentidos se desmancham de acordo com nossas piscadelas para as obras. E Ivan Grilo consegue dar uma nota otimista e onírica ao conjunto das peças com *Estudo Léxico*. Pequenas placas de alumínio têm gravadas nas superfícies definições poéticas como “Chuva/verbo/deixar correr silenciosamente as lágrimas que afloram aos olhos” e “Vento/verbo/embrigar (-se), entontecer (-se)”. “O real não pode ser dito: só é possível falar e indicar os fenômenos”², sublinha o teórico francês François Soulages.

1. SOULAGES, François. *Estética da Fotografia – Perda e Permanência*. São Paulo, Senac SP, 2010, p. 13

2. SOULAGES, François. *op. cit.*, p. 194